

31

Paulo Álvares Sobro

patrono da cadeira n.º 29 da

Academia Campineense de Letras.

Elogio literário por

Celso Maria de Mello Pupo

Feito em 26 de julho de 1957 nos salões de

Centro de Ciências, Letras e Artes -

Campinas

4  
27

Exmos. Ams. Presidentes do Centro de Ciências,  
Letras e Artes

Exmos. Ams. Representantes das Entidades de Campinas  
Exmos. Senhores e Senhoras.

Exmos. Ams. Presidentes da Academia Campineira de Letras  
Exmos. Ams. Acadêmicos.

No gozo da graça que me concedeis, de ser ouvido na mais alta corte literária de nossa terra; amedrontado e vacilante, entre a consciência da responsabilidade e do risco e o desejo de alcançar mais uma remissão para os meus dizeres incertos e para o meu tartamudear nas letras peço-vos que considereis o meu embaraço que mais cresce e mais me envolve diante da excelsa figura de <sup>Paulo Sobrinho</sup> meu patrono sublimado pela fé, pelo caráter e por brilhante e destro talento. Estivesse em meu lugar, como ele um esteta de beleza e do arrebatamento da sua palavra, da precisão, da transparência, da sonoridade das suas letras e da profundidade do seu conhecimento jurídicos, para com maestria apresentar-vos o jornalista, o advogado, o mestre da oratória, o aristocrata do espírito que por muitos anos distribuiu, generoso, as riquezas da sua inteligência, e não estardais vós a merce do meu carpintear literário.

Valho-me do mimo de vossa bondade.

---

Si o jornalista é aquele arauto do bem e da beleza, o entusiasta da publicidade honesta que leva ao recôndito dos lares a verdade benfazeja, o aplauso merecido, o medir com justiça, o noticiar de sadios folgares, o ensinar com sabedoria, o aprimorar das letras e a pureza da língua, esse era Paulo Lobo que desde os tempos colegiais alçou os cumes da primazia, azequando além dos seus pares num pontificado do intelecto. Polígrafo, no jornalismo, seguro na versatilidade de um clássico, tanto escreveria da galanteria graciosa do social courvivo da época, como da política e da administração, como dos cânones da ciência econômica, como dos fulgores das tardes luidas de Campinas, ou dos lírios anjinhos da Senhora da Conceição nos esplendores da fé cristã da gente campineuse. O brilho de sua pena fulgurou sempre: no romance da sua mocidade, no embate das suas polêmicas, justo, rijo, intrépido; altaneiro e vivaz, amovível e poeta, distribuía a sonoridade de um descrever bucólico, portava na sua prosa sobre as grandezas da terra, afervorava corações com os eflúvios de místico falar das coisas do céu; e vergastava a impostura, sempre nas alturas da sua dignidade, como si

o senso da nobreza lhe molhasse a pena em cada pensamento. Quando de mister um corretivo, bramia im-pávido e irresistível o látigo, des-mascarando a calúnia e ironisan-do o que se adornava de mentiras. Polemista dos mais destros, ágil e vibrante, dispunha de imensos recursos para esgrimir vantajosa-mente, sem falar pasteiros, levando a palma pela solidez do argumento ou pela dureza da sua verdade.

Para que não oiganos só o meu dizer, demos a palavra a um dos seus companheiros de redação, o poeta e jornalista Vitor Caruso, precioso testemunha na palestra que fez há dois anos na Associação Campineira de Imprensa:

"Paulo era uma creatura adorável. Sempre de bom humor, tinha uma alegria contagiante. Adrogado dos mais conspícuos embora, era na imprensa o seu lugar. A arte de oratória o destacou, nesta terra que conheceu o grande Cesar Bierrenbach. Pode-se dizer que nasce-ra para as lutas e as emoções da imprensa. Na "A Cidade" es-crevia as suas crônicas e os ar-tigos de fundo que - segundo as praxes de então - abriam obri-gatoriamente o jornal. E era

admirável a facilidade em que produzia, sob a assinatura de "Vingio Vaso" e "Buon Giorno". As vezes, com preguiça de escrever, ditava. E era eu quem apanhava o artigo. ditava-o dum fôlego; e, no fim, o relia e nenhuma corrigenda lhe introduzia. Nas notas, ou notícias importantes que redigia, ficava a marca do seu estilo inconfundível. Era outro perfeito conhecedor da língua portuguesa. Lia muito os classicos e o que escrevia tinha um cunho de "Mamuel Bernardes". "Dele direi mais, que ninguém o excedeu, ainda, como cronista, como comentador do facto diário".

Da sua época, era o amigo e grande caixateiro de Lurral Ferrão, recentemente falecido. Também escreveu sobre Paulo Gobo, em periódico jocoso do ano de 1912, para nos deixar relato jovial num perfil <sup>preciso</sup> ~~preciso~~ que assim se encerrava:

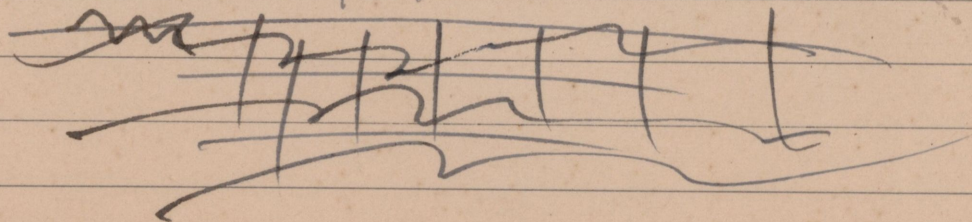
"seu estilo corrente, agradável, puro, à Vieira. Tem um cunho original que a observação e o estudo conseguiram firmar, delectando a quem lê seus artigos e ouve seus discursos, pois, é ele ainda um dos melhores e mais reputados oradores de Campinas".

Realmente, orador espontâneo e eloquentíssimo, seu falar era o ribombo de gigantes águas despe-  
nhadas do alto, claras, cristalinas, borifando as luminárias do seu dizer gracioso e elegante, espraian-  
do-se transparentes com as néveas espumas da sua riqueza vocabular, eletrizando entusiasmos, resplandes-  
centes de inspiração que o fez gran-  
de nas lides triluvicidas. Mestre con-  
sumado, a textura das suas elocuições,  
grácil, plena de erudição ou reemen-  
te e persuasiva, marcava-lhe a  
consagração alinhando-o na van-  
guarda dos melhores do seu tempo.

Adrogou com proeficiência  
venceudo em pleitos renhidos e difi-  
cultosos, tendo sido no civil e na cri-  
minalística, um dos nomes mais con-  
sagrados. Adrogado da mais pura  
consciência citã, nunca desmentiu  
a solidez das suas convicções, como  
um apóstolo do direito, como defen-  
sor dos oprimidos, no desassombro  
das reivindicações de justiça para  
os que se acolhiam dos conhecimen-  
tos jurídicos do adrogado honesto.  
Em alguns feitos que se destaca-  
ram ou pela matéria que envól-  
viam ou pela repercussão no meio  
social, teve ele campo para exercí-  
cio talentoso do seu ministério, den-

tro dos seus princípios religiosos como fez em ação de desquite confirmando o matrimônio na própria "qualidade sacramental" na própria "origem divina; ilustrou autos de processos que conservam o saber jurídico do hábil advogado e honrou a tribuna do júri por exceler nela com seus fatos singulares, impressionando pela sua característica prontidão sem se utilizar do inesperado revirando com espirito, acuidade e absoluta segurança, um asserto do adversário. O seu talentoso sobrinho Pelágio Sobó em apreciação sobre trabalhos de advogados, dizia mais tarde que o vivíssimo tio era aquele advogado que lia "um pouco e adrinhava o resto".

Na vida turfística teve um destacado lugar; ainda estudante mas já cronista esportivo, dedicou-se ao turfe com singular entusiasmo; conhecedor de todas as particularidades deste esporte, não se satisfazia no deleite do aficionado mas se entregava a grandes trabalhos e realizações que o guindaram a socio honorário do Jo-

~~ma~~  


Clube de São Paulo. A sobrevivência do Jockey Club Campineiro, deve-se a Paulo Sobó; sócio, diretor e presidente até em tormentosos dias que ele soube transformar em fase de renascença para poder ele mesmo dizer: "éramos inglórios detentores de riuínas e somos agora senhores do terceiro Hipódromo do país".

Remontando-nos ao século dezessete e estendendo as nossas vistas pela velha Europa, veremos a famosa cidade de Antuérpia agitada em lutas religiosas; seu ativo comércio estagnado, suas empresas decadentes, suas riquezas arruinadas e seus filhos expatriando-se em busca de paz em outras terras, em busca de fortuna. A cidade tão cheia de glória, tão marcada pelo esplendor da grandeza que se apagava, pátria de ilustres, pátria de artistas, de pintores que nasceriam com os nomes de Rubens e Van Dyck, decaía do seu brilho; entre os retirantes, Pedro Selsou de Sannooy, fidalgo e soldado, buscou as terras portuguesas no solo colonial do Brasil infante, para ser aqui militar com o alto posto de mestre de campo e capitão-mór governador da capitania do Ceará em agitadoíssimo período de sua conquista. Foi este



flamengo casado com lisboeta, d. Joana Sobo de Albertim, filha de pai também militar, português, da mais alta nobreza da península, vindo ao Brasil a serviço de sua pátria e do seu rei.

Do casal, dois filhos registram os apelídicos, Luiz e Manuel Sobo de Albertim que preferiram aos apelídicos paternos, os maternos, talves na época, mais brasileiros, de mais lustre, e mais do agrado dos sentimentos coloniais. O Manuel, casado em Ulinda, foi pai de um segundo Manuel, batizado aos 6 de julho de 1716 na freguezia de Nossa Senhora do Prazeres de Maranguape, quando teve por padrinhos o avô paterno flamengo, o mestre de campo, cujo cognome reproduziu em forma de evolução linguística, com o apelido Sobo de Albertim Sanoia.

Este segundo Manuel deixou as terras do Nordeste para se fixar em Paranaíba, então capitania de São Paulo, onde se casou em 1752 com a paulista d. Maria Francisca Xavier. Entre os seus filhos, houve o Terceiro Manuel, também Sobo de Albertim Sanoia, sacerdote que vigariou a freguezia de Guaratuba, filho cadete, pois o primogênito era o primeiro José Manuel Sobo, nascido na mesma ci

dade em 1753, homem de negócios e de haveres, alto, loiro como eram todos os Sobos, de olhos pardos, pai de oito filhas e de um filho que foi o segundo José Manuel Sobo. Este mudou-se para Itú e, sendo letrado, ocupou o cargo de escrivão da Ilvidoria; na mesma cidade casou-se em segundas núpcias com D. Teresa Xavier Alvares de Lima, paulista de velha cepa, de cujo casamento nasceu o Maestro Elias Alvares Sobo.

O maestro ituano foi compositor de renome, sendo muitos os historiadores que se referem ao seu talento. Na terra natal casou-se com D. Elisa Eugrosina da Costa, de origem mista de recente sangue português com paulistas de tradição. Foram os pais do meu patrono que também nasceu em Itú, aos 17 de março de 1871.

Desde os seus primeiros anos, a fase rissonha da infância, não deixou Paulo Sobo de se revelar o menino viro, esperto, traquinas, de temperamento e de ações, mostrando já toda a vitalidade que havia de marcar sua personalidade superior. Acompanhava os maiores, media com eles as peraltagens, intemerato não fugia às mais ousadas travessuras dos companheiros mais velhos aos quais se igualava na coragem e na audácia; de uma

feita os acompanhou num ataque às  
 frutas saborosas do quintal do Barão  
 de Itaim; galgaram os muros sendo o  
 pequeno Paulo ajudado pelos mais velhos;  
 já se atiraram aos pomos quando os sur-  
 prendeu o barão vigilante, desperto  
 por outras e anteriores disposições comu-  
 nitárias dos garotos. A debandada foi  
 célere, e em veloz corrida foram  
 transpostos os tapumes da chácara  
 sem que nenhum dos companheiros se  
 lembrasse, em tal pânico, de dar uma  
 ajuda ao pequeno Paulo impossibilita-  
 do, sozinho, de saltar o alto muro  
 livrando-se da perseguição do senhor  
 enfurecido. Seguro por um braço  
 e asperamente interrogado pelo fidal-  
 go sobre a irregular estadia na pro-  
 priedade, não se amedrontou como era  
 de esperar; deu explicações, fez o seu  
 arrazoado com segurança e espírito  
 numa revelação de futuro e brilhante  
 causidico, transmutando a cólera no  
 buliarquica em gostosa e burguesa  
 gargalhada, livrando-se do castigo  
 e criando fama pelo caso que era,  
 verdadeiramente, um dos primeiros  
 lampejos do talento de escol que ras-  
 garia uma trajetória de fulgurações.  
 Seu pai inteiramente dedi-  
 cado a sua arte, vivia de parcimonioso  
 ganhar, como professor de música,  
 proventos que não acompanhavam os

os gastos da familia cada vez maior, o que o levou, ao contar cauteloso os limitados recursos, a procurar Campinas, cidade de mais vastas possibilidades e de grandes fortunas particulares hauridas na cultura cafeeira. Nesta terra que blasonava destacada grandeza, que se avantajava em confronto com a capital da provincia pela faustosa riqueza de sua gente, realizadora audaz, aristocrata do Imperio e aristocrata do bom gosto e da sensibilidade artistica, maiormente distribuiria o maestro professor os acordes de sua arte inparel e melhormente colheria os beneficios do seu trabalho. Aqui passou Paulo radiosos dias de sua meninice.

Mas, o brincar de uma creanca vale como afirmacao de suas tendencias e disto o nosso menino ja nos dava uma afirmacao solidissima, em teimosia irremovivel, como ponde medir o seu bondoso mas pererissimo, pae. Naqueles velhos tempos era habitu dos medicos visitar seus clientes cavalgando animais de sua propriedade; conducao rapida para a epoca e facil de permanecer às portas dos doentes, entregando-se as ideias do animal aos escravos da casa ou aos garotos da familia que as seguravam até o fim da visita. Paulo se prestava com prontidão e alegria a este desencargo, mas

menino de fortes pendores para ser o Turf man que foi, mal sumia-se o médico corredor a dentro para atender ao doente, o nosso Paulo saltava para a sela e ia fazer o seu galope pelas ruas da cidade. Apaixonado incontentável do cavalgar, fugia-lhe o tempo e, ao voltar para casa, já encontrava no passeio, a espera do cavalo, o médico impaciente e o músico seu pai a esconder a cólera nas desculpas que apresentava pela falta do filho. Afastando-se o médico, seguia-se, então, uma boa sora que o maestro não transferia e não dispensava mesmo a pedido do proprio facultativo muitas vezes solícito em salvar do castigo o menino estimado. Na seguinte visita médica, invariavelmente, repetia-se o galope e repetia-se a sora.

O colégio São Luiz de Itú, sob a direção dos sábios e bondosos jesuitas, dos melhores educadores que temos tido, foi escolhido para a educação do menino. Matriculou-se com dez anos de idade, em 1881, no mesmo dia da matrícula do seu irmão Elias e pouco depois da matrícula de Paulo Maria de Sacerda, o grande jurisconsulto que ~~foi~~ ~~ele~~ elevou o nome de sua terra. Depois do curso preliminar, em 1883 já estava ele na primeira série, e com doze anos de idade entrava para a

Arcádia Gregoriana, a academia de letras do colégio, na qual se houbrou com Paulo de Sacerda, Cesar Bierenbach e Carlos Magalhães de Azeredo que seria membro da Academia Brasileira de Letras e embaixador brasileiro junto ao Vaticano. Este diplomata, cuja amizade Paulo logo conservou até o fim de sua vida, ainda exercendo a embaixada na corte pontificia, lembrava ao colega antigo, seu tempo colegial em formosa e amiga carta, exemplar magnífico da literatura epistolar ~~de~~ <sup>de</sup> ~~por~~ <sup>de</sup> transeveros estes trechos encantados.

"Qual não seria o teu espanto, ao ler o meu nome por assinatura desta carta se teu irmão Antonio já não te houvesse prevenido do seu encontro comigo aqui, e do carinho sempre sincero e estranho, com que de ti lhe falei? Assim acontece tantas vezes, e é esta uma das estranhezas da vida, que as tem as mil... Correm anos, lustros, décadas, sem que, de dois amigos separados pelo destino, um de ao outro o mínimo sinal de lembrança. Uma circunstância fortuita, uma conversa, uma palavra, e o afeto, adormecido, mas não extinto, ressurge, com todo o seu cortejo de sentimentos e re-

cordações."

"Gostei tanto de renovar, em palestra com teu irmão, aquele bom período da tua e minha adolescência. Quantas pessoas e coisas me passaram por diante dos olhos! Eles se humideceram um pouco, talvez, e a voz tremeu, por instantes, de emoção. Mas a minha alma sentiu-se feliz, enquanto eu falava do meu antigo companheiro e amigo, reverendo - o tal qual era junto a mim qual eu era também".

O curso do colégio foi feito em anos seguintes, com alguns prêmios e menções, deixando a Paulo uma sólida base cultural e gratíssima recordação que ele se comprazia em recordar com as mais carinhosas referências aos padres de sua época fundada em 1886 quando se submeteu aos primeiros exames de preparatório em São Paulo.

Os estudos de direito fez ele ao alvorecer da república; anos agitados do período que se iniciou com o ocaso da monarquia e que teve sua maior crise na revolta da armada em setembro de 1893; período que vinha do Império nas últimas efervescências políticas e econômicas, estendeu-se pelo governo de Leodoro, agravou-se com o golpe de Estado de 3 de novembro de 91 levam

Carlos Maximiliano

do a renúncia o presidente da República, e marcou o governo de Floriano Peixoto conservado ilegalmente na presidência por decisão inconstitucional do Congresso Legislativo que entendeu assim, de forma única naquela contingência, consolidar o regime recém implantado no país.

Floriano mantido na presidência para completar o período governamental e desde que descontentamento de correligionários no governo do seu antecessor já era visto por estes como a esperança para a estabilidade do novo regime, teve, especialmente de São Paulo, integral apoio nascido em convicções políticas das mais puras, vigilantes e ativas como se mediram naqueles dias de luta. Bernardino de Campos presidindo o nosso Estado, desde as primeiras horas da revolta de Custódio de Mello, multiplicou-se em cuidados de amparar o governo federal e contou com a opinião republicana paulista que deu ao seu presidente, cooperação de entusiasmo e de sangue. Nela se incluía a classe estudiosa já em 11 do mesmo mês, reunida no Clube Republicano onde se instituiu o Batalhão Acadêmicos para a defesa do governo e no qual se inscreveram Paulo Jobo, seguro nas suas opiniões herdadas do pai republicano histórico e consensual de Itú.

(da Academia)  
Organizado o batalhão ~~fora~~ fardado e municiado, fez ele



parte da guarnição de Santos e da guarnição da fortaleza de ~~Santos~~ ~~em~~ São João no Rio de Janeiro. Nesta fortaleza coube a Paulo Lobo guarnecer, com demais peças, a única peça de artilharia entre que os acadêmicos que tomava parte nos bombardeios cotidianos, para que assim até na guerra estivesse ele entre os mais ativos como esteve até o fim da revolta.

Sua vida de estudante se dividia entre as Areadas e o jornal com intervalos para comícios e agitações da classe, nos quais sempre tomava papel saliente. Em 1893 fazia parte do corpo redatorial do "Lírio Popular" onde permaneceu até 1897, um ano depois de sua formatura, pois se havia bacharelado na turma de 96 com Fausto Ferraz, João Chaves, Pedro Arbues, Ataliba Leonel, Mário Tavares e outros que se destacaram no cenário brasileiro. Trabalhou ainda na "Plata" com Braço Guerra e na "A Nação" com Herculano de Freitas, seu grande amigo, genro do General Glicério a cujo grupo político juntaram-se os irmãos Lobo que, como advogados entendiam-se António Lobo, o mais velho, bacharel em 1884, advogado em Campinas por mais de cinquenta anos, vereador, presidente da Câmara, prefeito de Campinas, deputado estadual e presidente da Câmara dos Deputados, dedicadíssimo aos interesses do município e de raça

envergadura moral; José Mamel Sobó, formado em 1886, grande orador e grande criminalista, deputado federal e secretário de Estado no governo Carlos de Campos; e Paulo Sobó que se aliou aos irmãos para a sua vida de advogado e de jornalista como escritor peregrino.

"A Cidade" jornal diário da diocese de Alberto Faria, depois membro da Academia Brasileira de Letras, formava na imprensa honesta de Campinas. Nele foi Paulo Sobó primeiramente colaborador, depois secretário de redação e finalmente redator chefe, fazendo ~~as~~ <sup>daquelas</sup> ~~suas~~ colunas um manancial de joias de sua pena de jornalista que naquela época deixava extravasar seu sentir de moço, moço ainda na fase do sonho nimbado de romantismo, sentindo o vazio do celibato e ansiando por um lar seu e por um afeto constante e puro. Eram os pendores do coração bem formado que mesmo nas procelas do grande mundo chegam ao dia de almejar quem compartilhe de sua vida, sentindo estranhamente um vago descaute de sua alma, um envolver de extases, um desabrochar de afetos, um anseio indistinto, incompreensível mas que se materializa mausamente, evoluindo do ~~amor~~ para uma silhueta de

Lobo, mostra da pureza do seu estilo

mulher. Eis aí, quando nos dá Paulo) ~~em~~ ~~em~~ confidências a Enzo Grimaldo, formosas confidências cheias de paixão e lirismo, repassadas da delicadeza de quem, ~~monopólio~~ ~~exclusivo~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~telegia~~ as colunas do jornal, relicário da harmonia dos acordes mais íntimo do seu coração. Lizia ~~em~~ ele.

"Cumpro a promessa.

Em uma tarde roixa, bem me lembro, crepúsculo propício aos eflúvios da saudade, vi-a pela primeira vez; e então, sob o estranho, inesperado influxo do seu conspecto senti este contraste que ponho diante de ti, meu Grimaldo: - a natureza sombria emoldurada no poente esmaecido e <sup>madido</sup> ~~madido~~, quasi desfeito em sombras, emotiva, indistinto, sugerindo melancolias - e a madrugada lúcida que aquela figura de criança resumia no fulgor inaterial de seus quinze anos, suaves como bênçãos - inspirando delícias.

Tres anos fazem que o caso roixo dessa tarde, em seguida noite estrelada, orfão do sol que é, viu pela primeira vez a primogênita da luz, a aurora triunfal nos vivazes

claros do meu amor nascente.

Lembras-te, estou certo, dos meus queixumes de enfado, anseio de alma deserta de aspirações e ideais, que acreditavas serem visões e fantasias.

Não o eram.

Nessa tarde meus olhos viram na conformação lírica da quella creança, meiga como promessas, aquilo que faltava ao ermo do meu espírito."

Togo a seguir, aquelle coração moço e apaixonado, em rimas embebecidas, dizia do seu amor nas âncias da dívida:

"Junça-se ao verso, em ritmo preclaro, esta saudade desalentadora, como exemplar de um orquideário raro a esses troncos d'arvore, senhora.

E' a minha alma, crede, a minha pena aqui feita merce do rir profano das mesmas rimas que me vão da pena - rude capricho de meu rude eugano.

Pois, seja embora, A dívida que resta digo - vos ja com precisão - e' esta - saber quem mais se ri neste descante. Se o poemeto, senhora, futil, breve rindo da solidade que descreve, se vos do meu aperto a todo o instante.

Mesmo após, o enamorado fazia suas preces, transbordante o coração

de felicidade e encantamento; não duvidava, exultava remembering cidadãos e bendizendo na poesia de suas palavras doces:

" Quando a Graça do Amor veio a mim, trazida no raio benigno de tuas pupilas verdes, que são a minha luz, o Espírito rebelde, inspirado na descrença, pesou-me sobre as pálpebras e cerrou-as.

Era o gênio, <sup>preito</sup> senhora, infenso aos ferros do culto, envolvendo-me em seu cáos maligno para que eu não visse em Teus olhares o batismo que purifica, em teu primeiro sorriso a fé que salva.

Mas, como a luz da Graça, irradiação divina, penetra os corações, impregnada de seus eflúvios, fugindo às tentações da ímpia dúvida, murmurou sua primeira prece e disse: "Benditos os teus olhos verdes, senhora, entre todos os olhos de mulher formosa."

" Os males do Tempo concluíram a ruína do teu serro, para que o desamasses e maldisseram dele.

A adversidade encarnou-se em forma feminina e compoz dessa matéria vultos de suare

aspecto e assim surgiu diante de ti,  
deusa do meu culto.

Aí, à face de tua bondade  
erguem o tribunal conjurador e  
como as falas femininas sahem  
a farto, toda a doçura de seu  
timbre vertem no pleito, articulando  
a minha indignidade.

É atribulada desse desconforto,  
no temor da perdição iminente,  
minha alma murmurou sua  
prece e disse:

- Pequenas, álbis mãos de  
menina, que os atalhos prevenis  
e o condão haveis que os passos  
guia para a temaventuranga,  
álbis mãosinhas, benditas se  
fais vós"

A vida tem enganos, senho-  
ra, tem os ceus para cobrir o seu  
azul de bonança tintas mais  
negras que a noite, mantos  
mais pesados que a maldição.

Um sopro só desta mortal  
miséria o brilho apaga de mil  
constelações.

Os arremessos da sua ini-  
qua voragem turbilhonam;  
sente-se minha alma prestes  
a desprender-se da prisão de  
tuas cadeas, mas volvendo-se  
a ti, babueia sua prece e diz:

- cabelos d'aureo fulgir, que  
venceis em carícia os petius  
mais raros e em perfume as  
corolas mais fragrantés, dai-  
me a curra deesses aneis onde  
me prenda e benditos sejam  
vós!

—  
É o gênio da descreença ao  
vosso afeto curra-se; vence  
os males do tempo a tua bon-  
dade; e os teus olhos verdes,  
tuas pequeninas mãos e os  
teus cabelos aureos, artigos de  
minha fé que são, o nosso  
amor dependem!

Bendita sejam tu."

—  
Um ano depois estava casa-  
do com a menina dos olhos verdes.

Prinosa  
—  
Na faina jornalística, ocu-  
pou-lhe a atenção a grande crise econômica  
causada pela baixa do café, quando se  
cogitou da queima deste produto, medida  
tantos anos mais tarde adotada mas  
que, então, evitou-se pela intervenção  
do governo Jorge Tibiriça. Assuntos eco-  
nômicos, interesses gerais do país, polí-  
tica internacional, política nacional e  
política municipal d' qual se prendia  
solidário com o seu irmão Antonio que  
a dirigia com outros elementos de Campinas,

foi digressões de sua pena.

Mas a política, ao findar a primeira década do atual século, agitou-se grandemente em Campinas <sup>com</sup> casos que se desvalaram <sup>para</sup> nas discussões ~~de~~ <sup>de</sup> campo menos nobre a que desceem ânimos exaltados e cegados por essa exaltação. Retrata Paulo Jobo esta época:

" Os homens assim assumem aspectos horríficos, tétricos, descoradas as faces, encoados os olhos, crispados os tecidos, eriçados os cabelos, lampejantes as pupilas sobressaltadas, como se fossem feras escuras de paulas, após jejuns de dias longos e aguilhoado da cerevelha aos quartos irrequietos.

Não se permuta mais uma ideia, não se expõe mais um plano, e não mais se firmam pontos de amoráveis palestras ~~que~~ que, de pronto, a assimilação da injúria <sup>não</sup> supere excitada, não desvirtue os raciocínios para retaliações que nos assoberbam, não tanto pela narrativa das patifarias alheias mas pela prodigiosa memória com que se guardam, conservam e desenvolvem fatos e atos que põem em pânico reputações, não fa de uma pessoa mas de uma geração."

E não deixava de haver mes-



mo portador de certa desenvoltura ~~para~~  
~~para~~ para retaliamento de dignidades e  
 para declustre da honrosa atividade  
 da imprensa; chamava zola de sapo  
~~esses artigos~~ artigos feijonhentos  
 saídos de tais penas, como ~~o~~ bem obser-  
 vava o meu patrono, referindo-se a certo panfletário:

" Em tudo que escreveu não ha  
 um periodo que se libere da insã-  
 nia, do ultrage, e da impureza".

Não faltava repulsa a es-  
 se denegri de conceitos: um antigo  
 promotor da Comarca, deu a lume  
 vibrante libelo, rimado, em formosissi-  
 mos alexandrinos, entitulado "O Sapo"  
 e Paulo Jobo que não foi poupado mes-  
 mo na intangibilidade das suas qualida-  
 des pessoais, viu-se obrigado a enérgi-  
 co rebate, famoso no seu tempo, nunca  
 respondido e ~~que~~ que poz termo ~~à~~  
 inpropérios. Porque na polêmica era  
 ele inigualavel pela sua pugnacida-  
 de e pela coragem com que enfrentava  
 qualquer adversário; nunca deixava  
 vantagem ao contendor, mas o confron-  
 to dos seus artigos com os contrários, das  
 suas defesas pois não iniciava a con-  
 tenda mas se defendia com vigor,  
 mostra a sua superioridade moral  
 e intelectual e o desespero dos seus  
 descapetos.

Como redator de jornal, suas  
 atividades descobriram dos primeiros anos

deste século até 1915. Desde o interior da redação do jornal que dirigia, era ele quem comunicava vida com a sua transbordante ~~de~~ atividade. ~~Assim~~ Assim tendo-se cedido vez para o Rio, com alguma demora, teve o seu sobrinho, ainda o Pelágio, colaborador diário em um mês de suas férias académicas, ocasião da lamentar a solidão e descrever o ambiente agitado das noites de confecção do jornal, quando do presente o redator chefe:

" É' que todos nos habituamos a passar numa fuga de pilhé-  
 ras e de palestra no doce en-  
 tono a que a camaradagem dá  
~~branco~~ <sup>lance</sup>, as rápidas horas em  
 que os trabalhos da folha menos  
 nos pegam por estarem já em  
 seu meio. Então, debruçados  
 sobre as quatro mesas da reda-  
 ção, e entre a fumaçada es-  
 pessa e insolente do "Castelões",  
 instintivamente passamos em  
 revista os fatos de monta do  
 dia, enverizando-os muitas  
 vezes de ridiculo para que  
 eles escorequem docilmente  
 pela coureira, e não nos obri-  
 quem a discordâncias barre-  
 lhas a que está particular-  
 mente afeito por indole, por  
 hábito, pelo exercício da tri-

"buena judiciária e por exigências respeitáveis do aparelho vocal — o nosso redator.

Ita as vezes debates formidáveis, tra choques de ideias que chamam à porta os raros boquiabertos que transitam pelo largo, enquanto a sua verve aguda e penetrante espúria e passeia pelas opiniões dando-lhes cor, transmitindo-lhes vida, pondo-lhes um sopro de alma e de alegria que faz com que elas brinquem nos diálogos com faceirices e pinotes de carnaval".

Porém, toda a sua exaltação da atividade, toda a sua alegria, toda a fácil exasperação, fácil mas passageira, rapidamente esquecida, não privaram, antes impeliram Paulo Sobó a fazer das colunas da imprensa um extravasar constante do seu exuberante talento.

Conversador gracioso, em sociedade seu convívio atraía; falante de exposição fácil e cheia de espírito, superava nas rodas sociais com a força subtil de sua inteligência; viro, animador, envolvia, contagiava, sempre eloquente, senhoril, imaginoso e vibrátil, dominando nos torneios da palestra, far-



Mais tarde, já em dilata-  
do caminho da vida, compunha em  
de Paulo Sobro, como patrono e sob-  
o nome de Clodoveu, o grupo dos Mo-  
nóculos e Lunetas, rapazes e moças  
da sociedade, reunidos para diversões  
de espírito. Foi para uma das suas  
tertúlias que ele, mestre também <sup>em outras</sup>  
línguas ~~latinas~~, verteu para o portu-  
gues "El Porco" de Trilussa, sem traçar  
espírito e composição poética, como  
vamos ver:

" El Porco (Versão rimada por Clodoveu)

Um velho porco a umas Vacas disse:

- Vou a isto por termo,  
que aqui viver já é porca tolice  
é vegetar num ermo.

Metto-me em roupa feita em alfaiate,  
em gravata e botinas,  
relógio d'ouro do melhor quilate  
e lunetas bem finas.

E vou-me, assim, a moda p'ra cidade.

Aí, ó Vacas, vive o grande mundo,  
aí ha gente boa, ha sociedade.

Foi dito e feito: a noite, sem mais nada,  
pilhava-se no chá de uma condessa  
ou cousa que com isso se pareça,  
feliz, como é um porco a madrugada...

Foi bem notado: lépsido, cortez,  
entre as damas de escol saiu-se bem;  
fez o seu "flirt" e, até falou francez.  
Jocou, dançou, cantou... e foi alem...

Mas, logo após um tríduo,  
 Voltou o velho Porco ao seu país.

Be! lhe mugiu em coro todo o gado,  
 assim tão pouco assíduo?

Tão cedo? A sociedade não te quiz,  
 ou fez-te a sociedade pouco agrado?  
 Não, disse o Porco - é sã filosofia  
 de turista exigente.

Estava mui bem lá, mas enfadava  
 o pervertido ambiente  
 duma luxúria fria ....

A ver o mesmo vício, invariavelmente,  
 em toda a parte a mesma porcaria."

Deixando a direção do jornal,  
 entregou-se Paulo logo inteiramente à  
 sua advocacia até 1920 quando passou  
 a ocupar o cargo de diretor da Recebedoria  
 de Rendas Estaduais de Campinas, sem  
 contudo esquecer o jornalismo que conti-  
 nuou exercendo em apreciações dos fatos  
 notórios da vida do país, <sup>(de arte e de literatura, e</sup> todos acontecimen-  
 tos políticos em cujo campo, por toda a  
 sua vida, manteve absoluta indepen-  
 dência.

Dois fatos que me ocorrem,  
 bem significam sua altivez: quando  
 estudante, ocupou o cargo de oficial  
 de gabinete em secretaria de Estado,  
 discordando de certa orientação governa-  
 mental, exprobatou o governo, pela im-  
 prensa e em comícios nos quais foi  
 orador, tudo sem receio da represá-

lia que foi, inevitavelmente, sua saída do cargo oficial. Durante a primeira guerra europeia, ao declarar o Brasil guerra a Alemanha, o povo de São Paulo empastelou o jornal alemão que se sediava a' rua Sabe no Badaró; dois dias depois um deputado federal visitava, na redação depredada, o redator e a' saída da visita, o abraçou carinhosamente no passeio da rua. Choveram os ataques ao deputado <sup>que enfrentava a opinião pública</sup> que não pôde assim, fugir ~~à~~ renúncia do mandato parlamentar; passado poucos meses o oficialismo apresentou o mesmo ~~deputado~~ candidato ao Senado paulista o que também provocou protestos de imprensa livre integrada, neste passo, também por Paula Sobó, em vibrantes <sup>simões</sup> editoriais, embora estivesse ele filiado ao partido situacionista.

~~Por mais destruído e cansado  
deparado com a cidade, o povo de São Paulo  
sob o da ~~Cooperação~~~~

Um outro traço de elevação do seu caráter era a sua convicção religiosa, sempre mantida e demonstrada com desassombro. No seu grande e bom coração, vivia uma religiosidade profunda, fundamentada em sólidos conhecimentos doutrinários hauridos na infância com os carinhos mater-

mais, na adolescência com o zelo dos freixitas e na mocidade com o exemplo paterno. Nunca o abandonou a sua crença e para os embates da mocidade valia-se da proteção da Virgem Maria, rezando, mesmo nas mais equívocas situações, <sup>da vida,</sup> invariavelmente em todos os dias de sua <sup>distinção</sup> vida, uma ave-maria a Nossa Senhora como em tempo lhe aconselhara o pae, o ferrosissimo e santo ~~o~~ Maestro Elias Lobo.

Na idade proecta, aproximou-se mais da prática dos sacramentos e atos de piedade, da comunhão diária, da vigília ~~na~~ Adoração Noturna na Igreja do Rosário, ora desaparecida e no antanho a cargo carinhoso de sacerdotes amigos Filhos do Coração de Maria. Na sua preferida tribuna, a imprensa, não deixou ele de se expressar <sup>à "Mater Divinae gratiae"</sup> em formoso mês de maio, de cuja oração ~~de~~ para aqui trago dois pequenos trechos:

" Em derramas de azul sem mancha o ceu esplende e os zéfiros, como custódios da pureza cerúlea vão em avançada, de horizonté a horizonté, detendo nos extremos o cirrus mal humorado

Brilham nos pulcros adomos do espaço garidices piedosas.

Flão de ser os pequenos querubins que adizam aos pés da Virgem, des



ganados de seus rutilos apogeus, es-  
palmando as azas, pairando nas al-  
tuas, como sombras castas desse man-  
to inviolado que cinge o corpo augusto  
da Mãe da divina graça. É o mês  
das suaves facultórias em que o rito  
dos cristãos tem mais poesia, mais  
beleza e fausto a liturgia.

Cada prece é um hino de amor,  
cada invocação um consolo, o per-  
dão desse redimindo culpas do pas-  
sado com promessas que confortam  
o animo para os males que hão  
de vir.

É sorriem nas galas dos sons, da  
cor e da luz dos altares que o fumo  
azul do incenso afigura suspensos  
e oscilantes nas ondas de espirais".

"Mas, diante de Maria, que é  
santa, e que é meiga, os filhos se  
confundem, sob o mesmo reflexo  
de seu olhar de Mãe: vão ao seu  
conspecto as crianças canoras como  
passaros, enroltas nas mesmas flo-  
res da operenda, vanno também os  
que delinquimos, de rastos, aos pés  
da mesma Virgem Imaculada,  
cobertos de culpa.

Nas preces o mortal se eleva  
a par dos justos e as preces a  
Maria, os querubins que o digam,  
os ceus atendem.

A esta encantadora e poé-

tica página, não me <sup>caberia excusar se não</sup> ~~possa~~ ~~feitas~~ ~~de~~  
 juntas dois formosos techos que em do-  
 mingo de Ramos fez Paulo sobo ilu-  
 minar as suas letras com um sol radi-  
 so, astro rei que do seu brilho e realza-  
 se fez em terra na morte do Crucificado:

" A luz da manhã surgiu em  
 fim de aurora mais pura, porque  
 o sol desse dia ~~de hoje~~, quando  
 ergueu-se surpreendendo a natu-  
 reza em frêmitos de luxúria, dis-  
 tendeu o seu veu sem nódoas,  
 como se, feitura desse instante, esca-  
 passe das mãos divinas para luzir  
 pela primeira vez.....

E iluminaram-se aquelas hortas,  
 torrentes e colinas, cerros, beatos sí-  
 tios que o profeta predissera como  
 cenários da paixão divina.

E o povo das cercanias, quando  
 a luz se fez, penetrou os muros  
 de Jerusalém, despertada para as  
 festas do Templo."

E continua,

"O sol que as supremas pro-  
 moções do gênio humano enrai-  
 deceram e ilustraram, quindando  
 ao sólio entenebrecível de árbitro  
 constelar, brillou nas verdes pal-  
 mas, refletiu nas torrentes de Si-  
 loam e no seio pedregoso do  
 Cedrão, luziu nos pretórios de  
 Pilatos, nas arcarias do Templo,

nos salões devassos de Hanah, nas alcoras de Cláudia, nos mármores de Moriah e nas paredes do cenáculo!

Prateou os mares ermos, antes que a primeira quilha se colasse ao seu dorso; dançou sobre os bosques inviolados e searas santas que bendiziam de seus raios."

"Esse mesmo que aclarou as eras de tirania e incesto em que o pecado nu e sadio habitava palácios de marfim e bebia em ânforas de ouro, fonte de luz inextinguível, a' hora do Supremo Sacrifício, na inteira plenitude de seus réverberos desmaiou em síncope sensacional que as entranhas da terra perturbou e fendeu".

Em princípios do século foi Paulo sobo convidado pelo General Glicéris a mudar-se para o Rio, campo vasto para expandir sua inteligência primorosa; tenia posição política como os irmãos, seria, profetizavam os amigos, membro da Academia Brasileira de Letras, ele que contava entre seus admiradores um Coelho Neto não só para o admirar mas ainda para colecionar suas crônicas. Mas, o seu patrono se havia apegado a Campinas; recusou-se deixo-la para aqui viver por mais de trinta anos até

o seu falecimento em 26 de junho de 1932, ~~na ~~estada~~ ~~de~~ ~~seu~~ ~~pai~~~~.

Passou, assim, da Campina que renascera das cinzas das epidemias e das depressões da crise cafeeira; da Campina pacata de ruas que se iluminavam com lâmpadas de gás, que se agitaram com ~~o~~ boudoirs de tração animal, com os carros das famílias ricas, tirados por cavalos de raça, martelando bulhentos os paralelepípedos, com os carros de praça estacionados no largo da Matriz Velha, grandes, fechados e sacolejantes das suas vidraças, ~~com os carros de bois e de cavalo~~ ~~com os carros de bois e de cavalo~~ da Campina das casas grandes e sobrados fidalgos, cheios de festas, de salões animados pelas danças, pela música, pela poesia a cargo dos moços mais letrados, pelos jogos e brinquedos de salão, em ricos ambientes, muito adornados de mobiliários vindos da França entre os Sèvres e porcelanas da Baviera ou de Viena, ~~de~~ de Capo di Monte, ~~entre~~ entre quadros de autores franceses ou dos retratos a óleo iluminados por refulgentes candelabros de cristal de Baccarat, tudo servido de iguarias e doces em brasonado limozes; passou dos tempos adreiros e das suas grandezas remanescentes, ao renascer desta terra que ele tanto quiz, aqui vivendo ~~em~~

sua vida e a dos seus,  
~~contando com~~, aqui erigindo o seu lar  
do qual foi chefe exemplarissimo, aqui  
idolatrando seus filhos campinenses  
para se encantar mais tarde com o  
nito querido.

Senhores, perdoem-me ter-  
vos dito eu, nesta noite, palavras mi-  
nhas. Na messe florida da pena do  
meu patrono, ~~cabera~~ caber-me-ia  
apenas aqui trazer a luz do seu verbo.  
E para a remissão que vos pedi de  
início, vou dizer-vos o que ele, como  
enamorado de Campinas, escreveu, lu-  
minoso e profético, sobre sua terra de  
adoção:

" Ilustre pátria das artes, berço  
de varões assinalados, terra do  
bem e do trabalho que o culto  
exaltas da fecunda Ceres, resur-  
ges que o sinto.

Os templos teus que abrigam  
a arca santa dos invencíveis  
dogmas apostólicos transbordam  
de fieis, apascentados na cordu-  
ra e na piedade.

Ole ferteis granjas a es-  
trela da germinação loureja  
os teus campos e nos teus ser-  
ros, que resaltam verdenejos  
do chão ubérrimos anosos ca-  
fesaiis ~~de~~ alinhada, poderosos  
como um exército, pródigos  
como um seio de mãe. E a

sua luz de eterna primavera,  
os teus hertos aromáticos enflora,  
compoundo esses matizes raros  
que as rosas e os cusântemos  
purpuram.

A justiça dos teus tribunais,  
reta e sábia, ilumina-se por  
sob a venda simbólica que  
a viscira comprime, ampara  
os fracos e os fortes contem,  
solene como a ordem, sobera-  
na como o direito.

A vida que dissemina  
pelas tuas artérias robustas,  
os obreiros infatigáveis, domi-  
na triunfal em surtos de har-  
monia e agitação como em  
colmeas; e nas searas, nas  
forjas, nos prelos, nas mercân-  
cias, nas escolas, nos labora-  
tórios, serros e senhores, a  
luta fraterniza.

A infância, vergantea que  
se empalma vivente, viraz e  
palreira, sabe a ciência dos  
números, mede o giro das es-  
telas, conjuga os verbos difi-  
ceis e conta segredos das plan-  
tas.

A juventude, preciosa  
prenda olímpica, resumo da  
suprema divindade, da-te  
athetas, ó braços fortes na

informatura, donaviosa no sem  
balante.

E se tua mocidade passou  
o estrangeiro, baronizada e  
futil, discutindo o esporte e  
domando lienas sensuais  
do bosque de Milita, agora  
a vês guiada por veredas  
de eficiente denodo, entendi-  
da de alfarrábios, forte no  
amanto das terras, presa  
do amor, conquistando ri-  
nhos.....

E os olhos teus, bondosos  
e pálidos, alquebrados de mem-  
bros e lícidos de espírito, dei-  
xam refletir na alvintência  
das barbas a candura vir-  
ginal de seus costumes e tem  
brilhos nos olhos que a nós  
inesperos viajores os abismos  
denunciam.

Mansuetos, indulgentes  
não sabem maldizer, não  
sabem condenar.

Floresces minha terra,  
que eu o sinto e a tua ressur-  
reição não confunde os guar-  
das do túmulo, nem os após-  
tolos da tua grandeza sofrem  
martírios.

Berço egrégio, benfa-  
sejo e prolífico, rica de

imprensa e gaz, de ferro carril  
e liceus, desdobra teu manto  
rogagante e deixa que o ar,  
a luz, as formas tuas de  
tua grandeza banhem.

Campinas 26 - VII - 1957